



# **Título**

**Por outras Historiografias,  
Filosofias, Sociologias,  
Antropologias, Teorias da  
História e Filosofias da  
História**

## **Subtítulo**

**Ensaio sobre ‘Antiguidade:’  
Reflexões sobre ‘o declínio e  
queda de Roma, o que não  
nos contaram**

**Duarte, M. B.**

# **Título**

**Por outras Historiografias,  
Filosofias, Sociologias,  
Antropologias, Teorias da  
História e Filosofias da História**

## **Subtítulo**

**Ensaio sobre ‘Antiguidade:’  
Reflexões sobre ‘o declínio e  
queda de Roma, o que não  
nos contaram**

**Duarte, M. B.**

# Sumário

<b>Apresentação sobre e dos Ensaios.....</b>	<b>04</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>26</b>
<b>Apresentação da problemática, o Ensaio.....</b>	<b>28</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>50</b>
<b>Os objetos, objetivos e discussões sobre os mesmos.</b>	<b>58</b>
<b>Cinco pontos importantes para refletir e considerar...61</b>	
<b>“O paradoxo constrangedor”.....</b>	<b>71</b>
<b>A fluidez ou liquidez das percepções, narrativas e concepções estéticas do ‘antigo frente ao novo...88</b>	
<b>Considerações.....</b>	<b>147</b>
<b>Referências.....</b>	<b>158</b>

## **Apresentação sobre e dos Ensaio: Por outras Historiografias, Filosofias, Sociologias, Antropologias, Teorias da História e Filosofias da História**

Durante certos períodos de estudos, sempre ouvimos falar sobre a ascensão, declínio e queda do império romano, o período romano monárquico, republicano e imperial. E atrelado a esses assuntos, outros não menos importantes, tais como a era ou período medieval, sistema feudal, feudalismos, capitalismo, era ou período moderno ou da modernidade e a pós-modernidade. Talvez esta última seja a nossa contemporaneidade.

Geralmente há alguns consensos e também certas dissensões ou polémicas sobre tais temas, assuntos, seus conteúdos e demarcações históricas. Até então estamos falando apenas da historiografia e de suas produções. Entretanto, é notório que é difícil falar de historiografia sem recorrer a arqueologia, sociologia, paleografia, filosofia, filologia, antropologia, epigrafia, linguística, geografia, biologia, literatura, documentos,

monumentos, arquitetura, artes e dentre outras. Isso porque a historiografia necessita do auxílio e apoio dessas como de tantas outras áreas de estudos para investigar seus objetos e fontes, e assim extrair seus conteúdos, interpretações e compor os dados e achados durante os procedimentos e processos de estudos e análises das fontes e de seus dados.

Portanto, é bastante difícil falar em historiografia sem reconhecer a necessidade de suporte de outras inúmeras áreas e campos de estudos e de produção de conhecimentos. Ou seja, há intercâmbios diretos e indiretos tanto para e em modos de olhares investigativos, conceituais, métodos e outros instrumentos quanto de ferramentas para e de análises de dados e fontes. Enfim, há certa composição multidisciplinar para a prática da historiografia quanto para a formação de seus 'produtos.'

Sendo assim, realizar um ensaio sobre a ascensão, declínio e queda do império romano, o período romano monárquico, republicano e imperial, e atrelado a esses assuntos, outros não menos importantes, tais como a era ou período medieval, sistema feudal, feudalismos, capitalismo, era ou período

moderno ou da modernidade e a pós-modernidade, não é uma tarefa fácil. Ainda mais investigar questões, assuntos e conteúdos que dizem respeito as práticas de magias, de rituais e de sacrifícios ao longo da história, isso com novos olhares sobre todos esses assuntos-temas, bem como para o sistema feudal e relacionar todos estes fatos com a contemporaneidade. Isso porque de alguma forma, todos esses fatos, acontecimentos e processos do passado ou do mundo antigo, ainda tem influências e relações com muitas práticas e modos de ser, pensar e agir na atualidade. E por isso também eles são importantes de serem reanalisados, estudados continuamente e revistos através e por meio das novas tecnologias e os novos olhares que elas podem nos proporcionar. Porém, sem incorrerem em anacronismos. Logo, tais assuntos e temas talvez tão cedo se esgotem.

Com isso, é de suma importância abrirmos novos olhares, horizontes, possibilidades e perspectivas para reinvestigar esses assuntos e eventos históricos mencionados, seus conteúdos, fontes e produtos. E assim, quem sabe talvez possamos extrair novas informações, novos conteúdos e saberes que possam

cooperar com nossas sociedades na e da contemporaneidade, de forma a promover mais esclarecimentos e compreensões sobre a dinâmica, relações e influências ainda do passado tão distante e ao mesmo tempo tão próximo, que ainda conseguem se fazer presente direta e indiretamente em vários sentidos, âmbitos e aspetos em nossa vida cotidiana ou contemporaneidade.

É importante dizer que, quando incluímos em tais temas, assuntos e seus conteúdos, áreas, disciplinas ou campos de estudos como a filosofia, a sociologia, a antropologia, a paleografia, a geografia, a filologia, a arqueologia, a biologia, a epigrafia, as artes e dentre outras, a discussão se torna ainda maior, mais ampla, mais complexa e gerando também maiores problemáticas. Mas não que isso os tornem, tais assuntos, temas, conteúdos e discussões sem ou com pouca relevância, muito pelo contrário, a interdisciplinaridade, transdisciplinaridade e multidisciplinaridade ampliam os horizontes deles. E nos fazem observá-los como que em lupas com maiores graus de ampliação e dimensão.

Logo, tal abordagem em relação a aqueles assuntos, seus temas e conteúdos não os inviabilizam de serem analisados, refletidos e estudados, nem tão pouco esses métodos e ações comprometem a abordagem de tais assuntos, temas e seus conteúdos, muito pelo contrário, é justamente melhor que isso ocorra sobre eles, os assuntos, temas e seus conteúdos a serem estudados, pois os tornam mais ricos, amplos e abertos, e não fechados e isolados em si mesmos. Logo, é de suma relevância e importância, bem como de grande urgência se evocar, invocar e complementar tais investigações auxiliadas pelas vias da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e da transdisciplinaridade, isso para não se correr os riscos de se cair em dogmatismos, apologias ou doutrinas dentro dos grupos ou guetos de tais áreas ou campos de saber. Caminhando para apologias, pseudociências, metanarrativas, romantismos e dentre outros. Já que é um fato e realidade a existência desses elementos, posicionamentos e fazeres dentro de certas correntes e ‘vertentes’ historiográficas, históricas, sociológicas, filosóficas, antropológicas e assim por diante. Assim como ocorrem com e dentro de outras áreas de estudo



ou campos do saber. E por isso a importância da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e da transdisciplinaridade, pois se dificultam os processos e formações de dogmatismos, romantismos, apologias, pseudociências, paixões, doutrinas, paradigmas engessados, diretrizes ultra ou extremamente conservadoras de certos *status quo* e de cânones postos em certos pedestais. Quase que como deidades que precisam serem cultuados e seguidos.

Precisamos nos abrir para novas possibilidades de ver o mundo, a história dele e dos povos que nele habitaram e habitam. Precisamos dar novos mergulhos nas águas da história para que assim percebermos que ela não apenas foi, mas que também ela é, pois em seus processos, fenômenos, transformações e mudanças, estes também podem mudar conforme novas perspectivas, achados e reflexões. Sendo assim, nosso trabalho se desviará dos manuais, das pré-configurações e formatações conservadoras e reprodutoras de certos *status quo* dominante e hegemônico nos campos dos saberes. Queremos incitar, inspirar, motivar, provocar e fazer surgir novas

reflexões e novas abordagens, talvez mais entrelaçadas com outras áreas e disciplinas.

Ora, e o porquê disso? Não nos admira que ainda haja certas correntes com suas convenções, consensos, seus paradigmas e diretrizes, no qual as seguem, e assim criam quase que amarras ou emolduram alguns assuntos, temas e seus conteúdos históricos. No qual as discussões ficam por décadas como as mesmas, com raros casos em que alguns daqueles temas, assuntos ou conteúdos recebem algum novo tratamento e talvez novas considerações, ou às vezes nenhum ou nenhuma. Permanecendo quase que os mesmos ou intactos como uma moldura a ser preservada, até que surja alguém que ouse remexê-los, trazer com alguma novidade e inovações. Que podem ser rejeitadas, sofrerem duras e pesadas críticas etc. Se algo não for feito, tudo fica do mesmo modo por décadas, já e porque assim alguns o querem que fiquem e assim seja. Tais fatos ocorrem com e em muitas outras áreas e campos do saber, ou seja, não é apenas um fato na historiografia, sociologia, filosofia, antropologia e outras.

É justamente por tudo isso que ousamos escrever um ensaio sobre um tema e assunto polêmico, no caso serão três, um aqui e outros dois possivelmente ou provavelmente mais tarde e em outro volume (mas que já estão ‘semiprontos’), envolvendo questões, assuntos, temas, conteúdos, novas reflexões e produções que giram em torno da antiguidade até a contemporaneidade, e sobretudo novas abordagens e produções sobre a era do império romano desde a monarquia aos tempos do império; sobre a era feudal do ou com o seu ‘início no séc. V d.C. até o séc. XV d.C., bem como sobre práticas e manifestações místicas, mágicas, ritualísticas e sacrificiais contemplando a antiguidade até a contemporaneidade. No qual lançamos mais luz em pequenos detalhes que talvez tenham passado despercebidos em alguns escritos ou produções historiográficas, onde o fizemos com auxílio da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e da transdisciplinaridade, no qual o denominamos de ‘Por outras Historiografias, Filosofias, Sociologias, Antropologias, Teorias da História e Filosofias da História.’

Nossa ação, movimento e intervenção se dá justamente pelos fatos aqui apontados e criticados, que ocorrem devido aos seus consensos, convenções e porque não dizer: dogmas, apologias, romantismos ou doutrinas. Uma vez que, como já mencionado, muitas das produções sejam da historiografia, sociologia, antropologia e até mesmo da filosofia, infelizmente, estão repletas de dogmas, doutrinas, apologias de teorias, teóricos e de certos cânones que são idolatrados mais do que o fazer científico e a produção de novos conhecimentos. Romantismos, paixões, apologias, dogmas e assim por diante. E o que dizer de autores como estes com obras repletas de ideias, ideais, pensamentos e incentivos a nazismos, neonazismos, fascismos, neofascismos, eurocentrismos, etnocentrismos, xenofobias etc.? E não digo dos autores dos povos antigos, mas de pensadores, teóricos, teorias e obras em pleno séc. XIX e XXI d.C.

Não podemos mais dar desculpas de que estes eram homens de seu tempo. Uma vez que com tais desculpas muitos supostos sujeitos de seu tempo cometeram e estão cometendo inúmeras barbáries e

vitimando milhões de inocentes pelo mundo. E por que digo isso? Porque houve e há teóricos e teorias que desenvolveram ideias de que seus países e continentes eram os civilizadores do planeta e dos povos, sendo que na maioria das vezes eram os países e civilizados desses teóricos e suas teorias quem causavam grandes angústias, sofrimentos e mortes a outros povos, aos que eles supostamente iriam civilizar.

Logo, nosso trabalho talvez não possua um caráter acadêmico ou científico, já que é um ensaio talvez hipotético e polêmico, mas não controverso e contraditório, com e de novas observações, visões, possibilidades e perspectivas. Mas que não renunciou ao rigor em e nos estudos, investigações e coletas de dados para a produção de um construto que comungue e dialogue com as produções de caráter científicas e acadêmicas. Portanto, o referido é uma apologia da historiografia e do fazer dela, e não de uma doutrina, corrente ou dogma historiográfico. Não há romantismos, paixões e apologias a um povo, região, corrente de pensamento, teoria etc. O trabalho em tela é uma análise e reconstrução do passado com novos olhares,

reflexões, críticas, hipóteses e culminando em novas produções.

Preciso aqui já dizer que infelizmente nós brasileiros ainda possuímos muitos novos horizontes quase pouco ou nunca explorados, isso por e em muitas de nossas áreas e produções de conhecimentos e científicas, onde quase não há grandes e efetivos incentivos, e muito menos para se ousar fazer e produzir tais conhecimentos. Às vezes com pequenas exceções e apenas para alguns grupos e guetos seletos, geralmente já beneficiados com vastos recursos.

Vale ainda dizer que mesmo assim e com tudo isso, boa parte do saber e da produção de conhecimentos e científicos do e no país, infelizmente foi, se tornou e ainda são bastante dependentes e submissos das produções, arcabouços e cânones euramericanos. E isso dificulta ainda mais as produções, incentivos e inovações da produção de conhecimentos e científicos do e no Brasil. Já que o que é produzido aqui, geralmente em boa medida é uma reprodução dos produtos daqueles quanto a ânsia da chancela, legitimação, autorização e aprovação dos referidos sobre e ou para com as produções do Brasil

ou brasileiras. Ou seja, o Brasil parece que fica a certa mercê ou a espera de aprovações, legitimações e chancelas das 'autoridades científicas e dos saberes euramericanos.' E assim, infelizmente em muitos casos nos tornamos mais reprodutores de ideias, teorias, conteúdos, métodos, paradigmas e diretrizes, bem como sintetizadores e resumidores das ideias deles, e pode ser talvez, que em certos casos até mesmo nos tornemos como meros copistas das produções euramericanas.

O Brasil possui grandes teóricos, pesquisadores, cientistas e intelectuais, do Norte, Nordeste, Sudeste, Centro Oeste ao Sul do país, que esperam possuir mais autonomia em suas produções, e que fiquem menos dependentes dos euramericanos e de suas chancelas, aprovações e certificações. No Brasil há grandes pesquisadores fazendo descobertas notáveis, mas com grandes dificuldades em levá-las adiante, desde arqueólogos, historiadores, químicos, biólogos e assim por diante.

Desde já fica esclarecido que não estamos generalizando ou a generalizar tais percepções. Entretanto, os jogos corporativistas, consensuais, as

convenções e conjuntos de ideólogos para ou com aqueles e certos fins, podem transformar uma crítica como esta a um sistema ou sistemática, prática ou estrutura, em uma crítica a todos os sujeitos e profissionais, isso com fins e objetivos de e para alcances políticos, ideológicos, de grupos e pares, comerciais, financeiros e econômicos dos e para os envolvidos ou associados a tais ideais e práticas.

Foram através e por meio de tais observações, percepções, inquietações e críticas que passamos a ler, reler e examinar certos cânones teóricos e bibliográficos com mais atenção e pelo crivo da criticidade. Isso sob olhares não etnocêntricos, e nem tão pouco eurocêntricos e ou ocidentais e seus ocidentalismos. Onde com o auxílio da interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e da transdisciplinaridade, bem como e inclusive também dá e entre as várias correntes das áreas de estudos da historiografia, sociologia, filosofia e antropologia, passei a reanalisar certos eventos históricos e da historiografia, me apoiando em várias áreas ou campos do saber e ou do conhecimento, tal como a biologia, geografia, política, análises do discurso, teologia, ciência da religião, linguística e



dentre outras. E com isso, os objetos observados e analisados foram nos mostrando novos conteúdos, novos fenômenos, novos movimentos e nos proporcionando também novos olhares sobre tais objetos e seus dados a serem observados, estudados e analisados. No qual surgiu a ideia de escrever os ensaios.

Sendo assim, surgiram três ensaios para e em discussão. Onde um deles é o que estará a ser discutido aqui. Este é o que o colocamos sobre a crítica se realmente o império romano do ocidente declinou e caiu, bem como o que seria esse declinar e cair. Se realmente podemos marcar e demarcar as datas convencionais e consensuais ou as poderemos especular em outras e novas hipóteses. Inclusive se podemos talvez estender tal declínio, se é que houve, bem como a sua queda, para datas mais adiantes do suposto ocorrido e dentre muitas outras questões que envolvem essa temática e assunto. Estas hipóteses, especulações e possibilidades geraram o ensaio de título ou tema: **‘O declínio e a queda do império romano,’ um equívoco interpretativo, linguístico, conceitual ou metodológico? Ou uma fluidez das percepções,**

## **narrativas e concepções estéticas do ‘Antigo frente ao Novo?’**

A segunda reflexão crítica sobre acontecimentos, períodos, fenômenos, fatos, movimentos, eventos e narrativas historiográficas e sociológicas foram sobre manifestações, processos e práticas místicas, mágicas e ritualísticas ao longo da história, da antiguidade até a contemporaneidade, no qual surgiu o ensaio com o título ou tema: **O Antigo e Atual ritual de sacrifícios humanos aos Deuses e ou Divindades: Ritos que se repetem em novas roupagens, fórmulas e modus operandi.** Que estará em outro volume separado deste. E o último ensaio faz reflexões críticas sobre o período medieval com seu suposto feudalismo e ou sistema feudal. Onde trazemos novas reflexões sobre a prática feudal ou de feudos, demonstrando que tais práticas eram além de mais antiga do que pensamos, elas também eram comuns, normal e naturais em vários sentidos, âmbitos e aspectos, e isso ocorrendo em muitas sociedades, culturas e civilizações desde a era romana monárquica, republicana e imperial, mas que se tornou em um sistema, o feudal, dentro da era tida como

medieval (que possui certas críticas a ambos os conceitos e seus pejorativismos).

Através disso desenvolvemos três novas categorias de feudos ou de práticas feudais: **o feudo erudito, o feudo rústico e os elementos feudais na contemporaneidade**. Ora, o sistema feudal ou feudalismo não era ou foi apenas uma nomenclatura com certo ar pejorativo, mas sim um sistema econômico e ‘financeiro (até mesmo comercial)’ baseado e fundamentado na produção rural e ou do campo, seus insumos, matérias primas, mão de obra barata e escrava, no poderio militar ou de milícias, bem como e sobretudo posse e poderio da terra e de quem as obtinha em grandes quantidades e extensões, em certa política descentralizada, na organização de uma sociedade estamental e sua divisão social em determinados grupos, os sem terras, os proprietários de alguma terra e os donos de muitas terras.

E esse sistema econômico não surgiu do nada e nem do acaso, mas teve suas origens nas práticas feudais eruditas e rústicas, dando origem a um sistema, o feudal. E que ainda hoje podemos ver elementos de suas práticas, no qual resistiram a era capitalista, a

modernidade e onde certos elementos feudais foram incorporados e reelaborados desde o surgimento do sistema capitalista até a contemporaneidade, e assim tais elementos avançaram com e em novas formas, roupagens e fórmulas pelo capitalismo. No qual ainda é um fato a relação de donos de grandes extensões de terras com poder, política, riquezas, conflitos, milícias e guerras.

Se tais fatos dos resquícios ou elementos feudais não fossem reais, países da Europa em pleno século XX-XXI d.C. não teriam ou manteriam ainda sua dominação sob colônias na África, Ásia e até mesmo nas Américas, bem como tentando as recolonizar ou neocolonizar, inclusive em outras regiões do globo, como assim 'bem' o faz os EUA desde o fim do século XIX, início do XX até a atualidade. Colonização e expansão de domínio e poder, bem como exploração e expropriação de mãos de obra, mão de obra barata, terras, matérias primas etc. Fundamentalmente a dominação de terras nacionais e sobretudo alheias, bem como a exploração das mesmas e de seus povos presos nas mesmas, digo ao sistema de seus países. Ou seja, o sistema capitalista também utiliza elementos das

práticas feudais. Entretanto, de modos reformulados, personalizados e atualizados conforme seus interesses, do capitalismo e das classes ou grupos dominantes, inclusive das necessidades contextuais para cumprir as metas de tal sistema, o capitalista e seus ditames. A estas reflexões críticas surgiu o ensaio: **‘Feudalismo erudito,’ ‘feudalismo rústico’ e ‘feudalismo pós-moderno:’ termos com sutis interconexões e em práticas também sutis na atualidade capitalista.**

Para que os leitores já pudessem adentrar nos temas, assuntos, conteúdos, fatos e discussões, isso em certa cronologia, foi colocado de antemão os resumos de cada ensaio em seus respectivos volumes.

Com isso, o leitor poderá observar certas conexões ou interligações entre tais acontecimentos, processos, fatos e fenômenos sócio-históricos, políticos, econômicos, culturais etc. E não apenas entre ou na transição da antiguidade para a era medieval e moderna, mas também daquelas com seus resquícios na e para a contemporaneidade. Entretanto, há um grande problema que precisaremos superar continuamente, é que ao longo da história, muitas das narrativas e produções históricas e historiográficas são

e ou estão repletas de eufemismos, de jogos de linguagens e de palavras e inundados neles, nos referidos. E isso consegue mascarar ideologias dominantes, hegemônicas, colonialistas, antagonismos, alienações, contradições e até mesmo certos paradoxos (como observaremos nos textos dos ensaios). Logo, tais eufemismos conseguem como que ‘em passes de mágicas,’ criarem muitas ilusões e confusões nos prováveis e possíveis entendimentos, percepções, compreensões, concepções e ideias entre os fatos e as realidades, e tudo isso feito intencionalmente. A um exemplo simples, que os supostos povos bárbaros que supostamente fizeram o império romano declinar e cair, estão repletos de eufemismos, contradições, jogos de linguagens, jogos de palavras e ideologias mascaradas, mesmo que em contradições.

Portanto, essas produções fantasiadas com os eufemismos e seus jogos de linguagens e de palavras criam certas ‘ilusões de ‘ópticas’ e com ou em suas mágicas,’ no qual confundem vários leitores e estudiosos descuidados com esses instrumentos e ferramentadas metodológicas logocêntricas e grafocentricas. Desse modo, tais fatos geram inúmeras

confusões e conflitos intelectivos, de reflexões lógicas e de fatos que verdadeiramente correspondam com as realidades sociais e históricas. O trabalho em tela fará justamente o esforço de superar tais embaraços e armadilhas, filtrando e sintetizando as reflexões e interpretações extraídas das bibliografias e as relacionando com outras áreas, campos e saberes, e os submetendo ao crivo da lógica e da crítica. Os ensaios são autorais e livres. E preciso dizer que a partir dessa apresentação o caro leitor já está dentro dos assuntos da e de discussão deste ensaio.

Filosofia, sociologia e antropologia da história da Roma antiga, seu declínio e queda, novas abordagens, métodos, reflexões, análises, perspectivas, possibilidades e conteúdos.

# **Título:**

**Por outras Historiografias,  
Filosofias, Sociologias,  
Antropologias, Teorias da História e  
Filosofias da História**

# **Tema ou Subtítulo:**

‘O declínio e a queda do império romano,’ um equívoco interpretativo, linguístico, conceitual ou metodológico? Ou uma fluidez das percepções, narrativas e concepções estéticas do ‘Antigo frente ao Novo?’

**Duarte, M. B.**



## Tema:

‘O declínio e a queda do império romano,’ um equívoco interpretativo, linguístico, conceitual ou metodológico?  
Ou uma fluidez das percepções, narrativas e concepções estéticas do ‘Antigo frente ao Novo?’<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> - Aqui estamos nos referindo tanto ao tempo como a objetos, leis, cultura, monumentos, artes, história, eventos, conteúdos etc., considerado como ‘Antigo=Passado, e o Novo=Novidade (frente ao presente daquela época, a antiga), ou seja, a transição dos tempos e seus conteúdos no tempo e no espaço social e histórico, antigos entrando no ‘início do novo ou novo tempo,’ e aqui nos referimos tanto as terminologias de ou sobre eles, como das sociedades, civilizações, culturas e mentalidades do seu presente da época, diante de, em frente ao ‘novo, novidade’ e do ‘passado,’ seus contextos e relações com tal novo e antigo, ou seja, daquele contexto social frente as mudanças, ‘inovações e aparentes ‘(re) evoluções.’ Em nossas reflexões sobre tais processos também incluímos como as sociedades e civilizações europeias dos períodos das Renascenças e dos humanismos entre os sécs. XII-XIV d.C., e da modernidade entre os sécs. XV-XVII d.C. interpretaram e reproduziram aquele passado e o novo, digo os processos de transição do império romano dos sécs. IV-VII d.C.’ Importante dizer que aquelas reflexões, análises, produções e reproduções sobre os contextos dos sécs. IV-XVII d.C., irão influenciar fortemente os séculos posteriores ao XVII d.C., contendo novas análises e reflexões que nos põem frente ao ‘Antigo diante do novo, isso com seus resgates e valorizações do antigo, especificamente do período do império romano. Ou seja, isso cristalizou a maneira e a forma com que as sociedades pós sécs. XVII-XX d.C., passaram a interpretar os séculos anteriores, e assim continuou reproduzindo as concepções sobre o declínio e queda do império romano do ocidente, entre os sécs. IV-VII d.C. E que não mudou muito em suas percepções, mentalidades e anacronismos repletos de contradições, que veremos mais adiante. Concepções estas, mentalidades, interpretações e reproduções bastante arbitrarias, ortodoxas, rígidas, acriticas, homogêneas e canônicas. Isso

**Resumo:**

Infelizmente em certas eras, períodos, contextos e momentos da produção da historiografia, ocorreram e ainda ocorrem vários anacronismos, permeados de romantismos, paixões, dramatizações, apologias a grupos, culturas e povos específicos, bem como certas práticas de preconceitos, etnocentrismos, xenofobias e acultramento do e para com o outro. Desse modo, muitos conteúdos não apenas anacrônicos, de preconceitos, etnocêntricos e xenófobos foram sendo produzidos e reproduzidos ao longo da história, sobretudo sentimentos e complexos em transferências sobre outros povos e culturas. Como que projeções de um 'eu' sobre o outro. Com isso, o trabalho em tela fará o esforço de demonstrar que há muitos equívocos, problemas conceituais, metodológicos, linguísticos e talvez interpretativos quanto ao suposto declínio e queda do império romano do ocidente em 476 d.C. Fatos que talvez possam estar carregados de ideologias, dramatizações, apologias, alienações,

---

sobre o tal declínio e queda do império romano do ocidente diante dos 'bárbaros.'

distorções, contradições e hipérboles em vários sentidos, âmbitos e aspectos. Para demonstrar tais evidências, faremos um trabalho empenhado na revisão da literatura, com abordagens e auxílio também da análise dos discursos, da sociologia, antropologia, da filosofia da história e da lógica, ambas corroborando com a historiografia, isso para dar conta de trazer luzes e novas informações sobre o declínio e queda do império romano do ocidente no séc. V. d.C.

**Palavras-chaves:** Império Romano; Queda; Declínio; Bárbaros; Ocidente; Europa; Historiografia; Paradoxos; Hipérboles; Filosofia da História; Modernidade.

## Referências Bibliográficas:

- ACKER, T. V. Renascimento e Humanismo. São Paulo. Atual Editora, 1992.
- AGOSTINHO, A. Confissões. São Paulo. Martin Claret, 2004.
- AGOSTINHO, A. Cidade de Deus. Rio de Janeiro. Vozes, 2014. V.1, L. I-X.
- ANDERSON, P. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. São Paulo. Brasilense, 2004.
- APULEIO. O Asno de Ouro. Trad. Ruth Guimarães. São Paulo. Editora 34, 2019.
- ASSAYAS, C. A. Cícero-Figuras do Saber. São Paulo. Editora: Estação Liberdade, 2018.
- BATAILLE, G. Teoria da Religião. Belo Horizonte. Autêntica, 2016.
- BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro. Zahar, 2017.
- BAUMAN, Z. Tempos Líquidos. Rio de Janeiro. Zahar, 2019.
- BEARD, M. SPQR: Uma História da Roma Antiga. São Paulo: Crítica, 2017.

BERMAN, M. Tudo o que é sólido desmancha no ar. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

BETTINI, S. El espacio arquitectónico de Roma a Bizancio. Buenos Aires. CP67, 1992.

BLOCH, M. Apologia da História ou o Ofício de Historiador. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.

BLOCH, M. A Sociedade Feudal. São Paulo. Edipro, 2005.

BORGES, V. P. O Que é História. São Paulo. Brasiliense, 1996.

BOSI, A. Dialética da Colonização. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

BOUCHERON, P.; DELALAN, N. Por uma História-Mundo. São Paulo. Autêntica, 2014.

BOURDÉ, G.; MARTÍN, H. As Escolas Históricas. Belo Horizonte. Autêntica, 2016.

BULFINCH, T. O Livro da Mitologia. São Paulo. Martin Clarent, 2009.

CAMPBELL, J. As Transformações do Mito Através do Tempo. São Paulo. Cultrix, 2010.

CARDOSO, C. F. S. O Egito Antigo. São Paulo: Brasiliense. (Tudo é História), 2014.

CARNOY, M. Estado e teoria política. São Paulo. Campinas: Papyrus, 1990.

CARR, E. H. Que é História. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

CATROGA, F. Memória, história e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2017.

CHAGAS, C. E. O Papel Social da Língua: O Poder das Variedades Linguísticas - Revista do Departamento de Letras. Faculdade de Formação de Professores da UERJ, n, 16, 2008.

CHAUÍ, M. O Que é Ideologia. São Paulo. Brasiliense, 1980.

CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo. Ática, 2006.

CÍCERO, M. T. Da Natureza dos Deuses I. João Pessoa. Ideia, 2017.

CÍCERO, M. T. Da República. São Paulo. Edipro, 2021.

COLEMAN, J. A. O Dicionário de Mitologia. São Paulo: Pé da Letra, 2018.

COMMELIN, P. Mitologia Grega e Romana. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

COULANGES, F. A Cidade Antiga. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DELUMEAU, J. História do medo no Ocidente: 1300-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUARTE, M. B. O que é história, o sentido da história e a historiografia. Oficina do historiador, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1-14, jan.-dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/38960>

DUARTE, M. B. 'Feudalismo erudito,' 'feudalismo rústico' e 'feudalismo pós-moderno:' termos com sutis interconexões e em práticas também sutis na atualidade capitalista. No prelo.

DUBY, G. O Ano Mil. Lisboa: Edições 70, 1967.

DUBY, G. Ano 1000 ao ano 2000, na pista de nossos medos. São Paulo. UNESP, 2005.

DUBY, G. A História continua. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

DUBY, G. Idade média idade dos homens. São Paulo. Companhia da Letras, 2014.

DUMOULIN, O. O Papel Social do Historiador. Belo Horizonte. Editora: Autêntica, 2016.

ELIADE, M. História das crenças e das ideias religiosas: Vol.1-3. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2014.

ENGELS, F. A Ideologia Alemã. São Paulo. Martin Claret, 2010.

ENGELS, F. A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. São Paulo. Boitempo, 2019.

EYLER, F. M. S. História Antiga Grécia e Roma, a Formação do Ocidente. Rio de Janeiro. Vozes, 2014.

FERNANDES, F. Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: Ed. Nacional. 1979.

FERRARI, A. T. Metodologia da ciência. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

FERRO, M. A colonização explicada a todos. São Paulo. Editora: Unesp, 2017.

FLORENZANO, M. T. O Mundo Antigo: Economia e Sociedade. São Paulo: Brasiliense, 2017.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir-História da Violência nas Prisões. Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 2012.

FRANCO JR, H. A Idade Média: Nascimento do Ocidente. São Paulo. Brasiliense, 1983.

FREUD, S. O Mal-estar na Civilização. São Paulo: L&PM, 2011.

FREUD, S. Totem e Tabu. São Paulo. L&PM, 2013.

FREUD, S. Psicologias das Massas e Análises do EU. São Paulo. L&PM, 2014.

FREUD, S. Além do Princípio de Prazer. São Paulo. Editora: L&PM, 2015.

FREUD, S. Inibição, Sintoma e Medo. São Paulo. L&PM, 2017

FREUD, S. O Homem Moisés e a Religião Monoteísta. São Paulo. L&PM, 2017B.

FREUD, S. Tempos de Guerra. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2021.

FREUD, S.; EINSTEIN, A. Por que a Guerra? Reflexões sobre o destino do mundo. Lisboa. Ed.70, 2019.

FUNARI, P. P. Arqueologia. São Paulo. Contexto, 2004.



FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. *Historiografia, Salústio, Tito Lívio e Tácito*. Unicamp, 2014.

FUNARI, P. P., *Grécia e Roma*. São Paulo. Contexto, 2016.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIBBON, E. *O Declínio e queda do império romano*. São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

GIBBON, E. *Os cristãos e a queda de Roma*. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo. Editora: Atlas, 2001.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GINZBURG, C. *Medo, Reverência e Terror*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GIORDANI, M. C. *História da Antiguidade Oriental*. Rio de Janeiro. Vozes, 1972.

GIORDANI, M. C. *História dos reinos bárbaros*. Rio de Janeiro. Vozes, 1974.

GIORDANI, M. C. *Antiguidade Clássica, História de Roma*. Vozes, 1978.

GRANDAZZI, A. *As Origens de Roma*. São Paulo. Unesp, 2019.

GRIMAL, P. *História de Roma*. São Paulo. Unesp, 2016.

GUARINELLO, N. L. História Antiga. São Paulo: Contexto, 2016.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2008.

HOBBSAWM, E. A Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBBSAWM, E. J. Sobre a História. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOBBSAWN, E. J.; RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2018.

HUIZINGA, J. O Outono da Idade Média. São Paulo. Penguin, 2021.

JASMIN, M.G.; FRERES Jr., J (Org). História dos conceitos: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora: Loyola, IUPERJ, 2006.

JEAGER, W. Paideia – A Formação do Homem grego. Martins Fontes, 1995.

JOÃO, M. T. D. Tópicos de História Antiga Oriental. Curitiba. Intersaberes, 2013.

JOSEFO, F. História dos Hebreus. Rio de Janeiro. CPAD, 2007.

KNEALE, M. Roma: Uma história em sete invasões. São Paulo. Editora: Vestígio, 2018.

KOSELLECK, R; MEIER, C; GÜNTHER, H; ENGELS, O. O conceito de História. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOSELLECK, R. Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2016.

KOSELLECK, R. Histórias de Conceitos. São Paulo. Editora: Contraponto, 2016.

KUHN, T. S. A Estrutura das revoluções científicas. São Paulo. Editora: Perspectiva, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Metodologia científica. São Paulo, Atlas, 1987.

LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. São Paulo. Brasiliense, 2008.

LARAIA, R. B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

LEONTIEV, A. N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LÉVÊQUE, P. As Primeiras Civilizações. Coimbra: Edições 70, 2018.

LIVERANI, M. Antigo Oriente. São Paulo. Edusp. 2017.

MARCONDES, D. Raízes da Dúvida. Rio de Janeiro. Zahar, 2019.

MARTIN, T. R. Roma Antiga. São Paulo. Editora: LPM, 2016.

MARX, K. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1988. v. 1.

MARX, K. Manuscritos Econômicos Filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K. O Manifesto do Partido Comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MATYSZAK, P. Os Inimigos de Roma: de Anibal a Átila, o Huno. São Paulo. Amarilys, 2015.

MICELI, P. O Feudalismo. São Paulo. Editora: Atual, 2014.

MINOIS, G. História do Inferno. São Paulo. Unesp, 2023.

NEVES, E. G. Sob os Tempos do Equinócio: Oito mil anos de História na Amazônia Central. São Paulo. Ubu, 2022.

NIETZSCHE, F. Além do Bem e do Mal. São Paulo. Companhia das Letras, 2016.

OVÍDIO. Metamorfoses. São Paulo. Editora: 34, 2019.

PARENTI, M. O assassinato de Júlio César, uma história popular da Roma Antiga. Rio de Janeiro. Record, 2005.

PEGORARO, O. A. Sentidos da história: Eterno retorno - Destino - Acaso - Desígnio inteligente - Progresso sem fim. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

PERROT, M. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Editora: Paz e Terra, 2018.

POMER, L. O surgimento das nações. São Paulo. Atual, 1998.

PROST, A. Doze Lições sobre História. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RIEGL, A. O Culto Moderno dos Monumentos, sua essência e sua origem. São Paulo. Perspectiva, 2019.

- RIEGL, A. El arte industrial tardorromano. Madrid. Visor, 1992.
- ROSSI, P. O Passado, A Memória, O Esquecimento. São Paulo. UNESP, 2018.
- RYKWERT, J. A Ideia de Cidade, a antropologia da forma urbana na Roma Antiga. São Paulo. Perspectiva, 2006.
- SAID, E. W. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- SALINAS, S. S. Do feudalismo ao capitalismo: transições. São Paulo. Atual Editora, 2002.
- SHAKESPEARE, W. Júlio César. São Paulo. Companhia das Letras, 2017.
- VEYNE, P. Elegia Erótica Romana. São Paulo. UNESP, 2015.
- TOSH, J. A Busca da História. Rio de Janeiro. PUCRJ, 2014.
- VICO, G. Ciência Nova. São Paulo. Ícone Editora, 2008.
- VIRGÍLIO. Eneida. São Paulo. Editora 34, 2021.
- WOOLF, G. Roma, a História de um Império. São Paulo. Cultrix, 2017.
- WOOLF, G. Religião e Pluralidade no Império Romano, um debate necessário. Curitiba. UFPR, 2021.